

O impacto da pandemia de covid-19 no cotidiano das mulheres: cuidados domésticos familiares e dificuldades.

CASSIA MARIA CARLOTO y Nayara Bueno.

Cita:

CASSIA MARIA CARLOTO y Nayara Bueno (2021). *O impacto da pandemia de covid-19 no cotidiano das mulheres: cuidados domésticos familiares e dificuldades*. XIV Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-074/184>

O impacto da pandemia de covid-19 no cotidiano das mulheres: cuidados domésticos familiares e as dificuldades enfrentadas

Cássia Maria Carloto
Nayara Cristina Bueno
Valdirene A. S. Peixoto

RESUMO

A pandemia do Covid-19 tem afetado de forma negativa o cotidiano de muitas famílias brasileiras em vários níveis: a perda de emprego e renda, a diminuição dos salários; as dificuldades de diferentes ordens com o ensino remoto, as condições de trabalho que potencializam o contágio (locomoção, ambiente, acesso aos insumos de proteção entre outros); o aumento e sobrecarga do trabalho de cuidados doméstico-familiares. Esses impactos se manifestam de forma diferenciada conforme a posição de classe, de gênero e da raça/etnia. Para entender esse contexto, realizamos uma pesquisa para investigar o impacto da pandemia na vida das mulheres. Nesse texto daremos destaque ao módulo que tratou dos cuidados e uso do tempo no trabalho doméstico familiar e as dificuldades enfrentadas. A pesquisa foi realizada em três municípios do Paraná-BR, com 37 beneficiárias do Programa Bolsa Família. Para a coleta de dados aplicamos questionários de forma remota, via telefone, por ser esse o meio possível no contexto pandêmico e de isolamento social. A análise foi norteadada pelo campo da teoria crítica feminista.

Palavras-chave: Gênero; Uso do Tempo; Cuidados.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 evidenciou as diversas desigualdades que nos cercam – classe, raça, gênero – e estruturam a sociedade em que vivemos. Essas desigualdades acentuam-se nas instituições, oportunidades de ensino, mercado de trabalho, e nas próprias relações sociais cotidianas. Nesse sentido, é preciso compreender como essas instâncias articulam-se de forma consubstancial e impactam no cotidiano das mulheres pobres e negras no Brasil.

Nesse sentido desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo geral de investigar e analisar o impacto da pandemia Covid-19 no cotidiano de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família-PBF em três municípios do Estado do Paraná-BR: Londrina, Guarapuava, Itambé. Este trabalho irá discutir sobre as dificuldades das mulheres beneficiárias do PBF para administrar os cuidados e uso do tempo no trabalho doméstico familiar com destaque para a educação formal de crianças e adolescentes.

A pesquisa de caráter qualitativo, buscou num primeiro momento, realizar uma revisão bibliográfica e documental acerca dos temas cuidados e uso do tempo no contexto da pandemia de Covid-19. O tratamento teórico metodológico dado à análise dos dados coletados teve como principal referência os estudos feministas do campo da teoria crítica.

Como procedimento para coleta de dados, foram aplicados questionários de forma remota, via telefone. Essa foi a estratégia possível no contexto pandêmico e de isolamento social, no qual as atividades presenciais das universidades estavam suspensas, e atendimento de serviços sócios assistenciais aconteciam preferencialmente de forma remota.

Os questionários contavam com perguntas fechadas e abertas que conforme Maria C. S. Minayo (1993), possibilita que a entrevistada discorra sobre o tema com maior liberdade, sem se prender apenas a questão. O instrumento foi elaborado através da ferramenta *Google Forms* e contou com cerca de 43 perguntas, divididas em sete blocos, sendo eles: perfil das respondentes, composição familiar, isolamento social, renda e trabalho, trabalho doméstico familiar e uso do tempo, Políticas de Assistência Social e Saúde. As três últimas questões estavam relacionadas ao medo, sofrimento e uso de tempo durante o período pandêmico.

Por se tratar de pesquisa realizada por meio de contato telefônico, consideramos essencial, para estabelecer uma relação de confiança entre as participantes da pesquisa e as pesquisadoras, que a amostragem fosse por conveniência (GIL, 2008), partimos dos contatos previamente estabelecidos com beneficiárias do PBF indicadas por trabalhadoras da política de assistência social nos municípios pesquisados.

A equipe de pesquisa contou com técnicas da política de assistência social da proteção social básica e especial em Londrina e Itambé (serviços CRAS, CREAS e Caritas), o que facilitou os contatos com as mulheres beneficiárias do PBF; em Guarapuava a pesquisadora contou com contatos de técnicas da Secretaria de Assistência Social. Foram escolhidas aquelas que já tinham certo vínculo de confiança com as técnicas, para que a estratégia de aplicação de questionário por telefone não fosse mal sucedida. Isso proporcionou que as participantes estivessem mais confortáveis para falar de suas realidades, com base nas perguntas dos questionários. O critério de escolha das entrevistadas, além da acessibilidade das pesquisadoras aos sujeitos participantes, foi que fossem beneficiárias do Programa Bolsa Família.

No contato telefônico, nos identificamos e explicamos os termos da pesquisa, passando pelo objetivo e procedimentos metodológicos, além da estrutura do questionário e duração média de aplicação deles. Esclarecemos às entrevistadas que a participação era totalmente voluntária. Também foi pontuado que as informações seriam utilizadas somente para os fins dessa pesquisa e seriam tratadas com sigilo e confidencialidade, de modo a preservar sua identidade, mesmo nos casos em que os nomes haviam sido indicados, conforme disposto no termo de consentimento da pesquisa. A partir do aceite da participante, fazíamos as perguntas conforme a ordem disposta no instrumento, a beneficiária do PBF indicava sua resposta e muitas vezes continuava relatando sobre suas vivências no período pandêmico para além do questionado, se assemelhando a uma conversa informal, caso houvesse alguma dúvida a pesquisadora lia novamente a questão. Foram aplicados 19

questionários em Londrina, sendo 12 na área urbana e 7 na área rural, em Guarapuava foram realizadas 8 e em Itambé 10, totalizando assim 37 entrevistas.

A análise dos dados obtidos na pesquisa de campo foi realizada tendo como base a análise de conteúdo, que é caracterizada por “técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos” (MINAYO, 1993, p. 303). A modalidade que melhor atendeu aos objetivos propostos para esta pesquisa foi a análise temática, uma vez que esta permite “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (MINAYO, 1993, p. 316).

Este trabalho ao privilegiar os impactos da pandemia no trabalho de cuidados e uso do tempo das mulheres beneficiárias do PBF, está organizado em três momentos: primeiro apresentamos a discussão sobre trabalho doméstico e de cuidados, depois os dados da pesquisa e reflexões sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres.

1. TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS

A organização social dos cuidados e o lugar que ele ocupa na sociedade capitalista, segundo Cristina Carrasco, Cristina Borderías e Teresa Torns (2011), começou a gestar-se no final do século XIX. Com as mudanças sanitárias e de educação das crianças, o cuidado infantil passou a ser delegado às mães, menos como trabalho e mais com um instinto ou amor maternal.

O debate sobre a naturalização do cuidado pelas mulheres inicia-se no movimento feminista, sendo incorporado na academia nos anos 1970 e 1980 do século XX, vinculado, primeiro, a discussão sobre o trabalho doméstico para, posteriormente, ser abordado pelas especialistas em políticas de bem-estar. (CARRASCO, BORDERÍAS e TORNIS, 2011)

O que hoje é chamado de cuidados é resultado de uma luta histórica acumulada por feministas, por direitos e igualdade, consequência da denúncia das desigualdades sociais que as mulheres enfrentam na sociedade capitalista, visando a construção de valores, políticas sociais, projetos societários, um novo mundo em que a vida esteja no centro. (OROZCO, 2021)

Amaya Pérez Orozco (2021) argumenta que a crise econômica, ambiental e social precisa ser enfrentada com a construção de novos valores que coloquem a vida, ou seja, as necessidades sociais de cuidado no centro, em detrimento do mercado, do lucro, do interesse das grandes corporações, do capital. A vida no centro pressupõe uma mudança de curso que posicione a economia a serviço do bem-estar das pessoas, a pergunta norteadora não pode

ser quanto custa, mas sim, o que é necessário fazer para que se viver uma vida que mereça ser vivida.

O trabalho doméstico familiar (lavar, passar, limpar) possui uma linha tênue com o trabalho de cuidados que, segundo Danièle Kergoat (2016, p.17), refere-se à “atenção, apoio e assistência, remunerada ou não, que implica um sentido de responsabilidade em relação à vida e ao bem-estar de outrem.” Diante disso, essa pesquisa engloba na discussão do trabalho doméstico, também o trabalho de cuidados.

Orozco (2021) aponta que os cuidados possuem uma diversidade de compreensão devido a amplitude e variedade de trabalho que movimenta, mas se refere ao que é imprescindível para que a vida funcione no seu dia a dia. No cotidiano, inacabado, desprende-se de energia física e emocional para atender necessidades concretas de todas as pessoas. Assim, todas precisam de cuidados, todos os dias, mas de maneiras e intensidades distintas.

O trabalho doméstico, conforme Bruschini (2009, p.97), pode ser agrupado em “blocos”, mas sem que haja uma hierarquia ou classificação, e definido como:

1. tarefas relativas aos cuidados com a moradia, espaço no qual se passa a vida familiar cotidiana;
2. tarefas de alimentação e higiene pessoal, como cozinhar, lavar pratos e outros utensílios, costurar, lavar e passar roupas;
3. prestação de serviços físicos e psicológicos aos membros das famílias, assim como o cuidado com as crianças, os idosos e os incapacitados da família;
4. administração da unidade doméstica, com atividades que vão desde o pagamento de contas até a administração do patrimônio, bem como a aquisição dos bens de consumo necessários para a casa e a família;
5. manutenção da rede de parentesco e de amizade, que reforçam laços de solidariedade e de convivência.

Essas tarefas demarcadas em “blocos”, com exceção das do quinto (manutenção da rede de parentesco e de amizade, que reforçam laços de solidariedade e de convivência) geralmente são caracterizadas em nossa sociedade como deveres das mulheres (BRUSCHINI, 2009).

Se uma boa parte dessas atividades são manuais, como fazer camas ou limpar legumes, outra, tem um caráter afetivo, como acompanhar as crianças nas tarefas escolares ou assistir os doentes, ou ainda um caráter intelectual, como é o caso da administração financeira do domicílio (BRUSCHINI, 2009)

Há também os afazeres que são necessários à organização interna da casa, mas são realizados fora dela, como ir às compras, ao banco, ou levar os/as filhos/filhas à escola. É um trabalho que requer tempo e é exaustivo. Um problema complexo para o número crescente de mulheres que realizam também um trabalho remunerado, aumentando a carga horária que dedicam ao trabalho. No período anterior à pandemia, as mulheres brasileiras trabalhavam, em média, quase cinco horas a mais que os homens por semana. São 56,4 horas, somando o tempo gasto no emprego com o de afazeres domésticos. (IBGE, 2014). Com as crianças e

adolescentes em casa, e adultos desempregados ou em *home office*, o trabalho aumentou, principalmente entre as mulheres da classe trabalhadora que não podem mais contar com o tempo que as crianças e adolescentes ficam na escola ou em creches.

A concepção de cuidados ainda é imprecisa, mas relaciona-se com a questão da dependência, identificada socialmente com alguns grupos específicos em relação a idade (crianças, idosos), saúde (doentes) ou deficiência (leve, moderada, severa). Contudo, Cristina Carrasco, Cristina Borderías, e Teresa Torns (2011) afirmam que essa concepção é restrita e que a dependência é inerente a condição humana, somente varia de acordo com o momento e o lugar.

Na literatura especializada e nos debates políticos, o cuidado está relacionado ao bem-estar físico e emocional das pessoas, o que demonstra os seus aspectos objetivos e subjetivos, mas também aos marcos normativos, econômicos e sociais que define quem, como e onde se realizam essas atividades (AGUIRRE, 2014).

Aguirre (2014) afirma que o apoio multidimensional às pessoas dependentes, mas não somente a estas, em momentos de perda de autonomia e situação de risco, implica: um aspecto material (atividades, serviços e tempo para realizar); um aspecto moral (reponsabilidades, socialização baseada em um tratamento justo, adequado); e, um aspecto afetivo (preocupação, amor, tensões e conflitos).

Destaca-se também que o cuidado é considerado um trabalho que pode ser realizado em âmbito formal ou informal, possui um aspecto normativo que pressupõe obrigações e responsabilidades, assim como custos financeiros e emocionais que atravessam a fronteira entre público e privado e relações individuais, familiares e com a sociedade em geral (DALY; LEWY, 2011).

O uso do tempo das mulheres no trabalho doméstico é difícil de quantificar, devido as suas dimensões subjetivas que incluem os momentos em que não estão em casa, mas organizam rotinas e acompanham o que os filhos ou dependentes estão fazendo. Envolvem questões afetivas, emocionais e conflitos gerados pela responsabilização pela vida de outrem.

As pesquisas sobre o uso do tempo mostram “a persistência de padrões tradicionais da divisão sexual do trabalho”. As mulheres trabalham mais em atividades não remuneradas e os homens mais em atividades remuneradas, mas quando somam-se ambas as atividades de trabalho, identificamos que o tempo de trabalho das mulheres é superior e elas dispõem de menos horas de descanso e lazer. (ABRAMO, VALENSUELA, 2016)

No contexto da pandemia de Covid-19, com todos convivendo no mesmo espaço durante todo o tempo, principalmente, devido a suspensão dos serviços de educação, o domicílio ganhou destaque. No Brasil mais de 13% das pessoas vivem em domicílios com pelo menos um tipo de inadequação, ou seja, ausência de banheiro, paredes frágeis e/ou improvisadas, áreas de risco, entre outros. Nas metrópoles e nos grandes centros urbanos há

ainda um adensamento das pessoas devido ao alto valor dos aluguéis (SALATA; RIBEIRO, 2020).

Com isso, há um aumento do trabalho doméstico familiar, principalmente, para as mulheres negras, uma vez que deixam de contar com os serviços públicos e não possuem a alternativa de acessar esses serviços pela via do mercado. As relações de parentesco, vizinhança e solidariedade também se tornam uma teia de corresponsabilidade feminina pelo trabalho doméstico e de cuidados.

As desigualdades de classe, raça/etnia, gênero se materializa na divisão social e sexual do trabalho, utilizando o tempo e o trabalho gratuito e desvalorizado das mulheres para a manutenção do sistema econômico capitalista. Contudo, as mulheres reagem a esse contexto de exploração e dominação e, ao questionarem as desigualdades, pressionam o Estado por reconhecimento e proteção social.

2. TRABALHO DOMÉSTICO E DE CUIDADOS NA VIDA DAS MULHERES EM SITUAÇÃO DE POBREZA

Entre as mulheres que participaram da pesquisa verificamos que 70,3% são preta/parda, confirmando as pesquisas já realizadas pelo Censo 2010, que aponta que são as mulheres negras que predominam entre os mais pobres; 78,3% tem entre 30 a 49 anos; 96,4% não estão inseridas no mercado de trabalho formal e apenas 2,8% estavam inseridas no mercado de trabalho formal antes da pandemia; 59,5% possuem ensino fundamental incompleto; 54,1% das mulheres entrevistadas moram com seus companheiros e 43,9% constituem famílias monoparentais femininas. Em relação a faixa etária dos filhos, 51,4% está entre 11 e 15 anos seguida pela faixa entre 07 e 10 anos, 45,9%.

Em relação à renda, 97,2% afirmaram que a principal renda vem do benefício Bolsa Família e do auxílio emergencial. Observa-se que 29,7% das famílias receberam junto com benefício Bolsa Família benefícios eventuais da Assistência Social. As respondentes, 54%, também relataram que o trabalho informal compõe a renda familiar. Constata-se que nesse momento os benefícios assistenciais são as principais fontes de renda das famílias, configurando como um importante fator de proteção social, principalmente se considerarmos o número de famílias monoparentais femininas.

Na pesquisa 70,2% das entrevistadas responderam que o trabalho doméstico aumentou durante a pandemia, sendo que para 40,5% aumentou muito e 29,7% aumentaram pouco. Apenas para 29,7 se manteve igual. Conforme observamos na tabela 1:

Tabela 1 - Aumento do trabalho doméstico durante a pandemia

Percepção	f	%
------------------	----------	----------

Sim, muito	15	40,5
Sim, um pouco	11	29,7
Não, manteve o	11	29,7
Total	37	100,

Fonte: pesquisa das autoras (2020).

O aumento do trabalho doméstico se manifesta objetivamente na administração do tempo e nas responsabilidades de acompanhamento escolar, de entreter as crianças e no aumento de atividades de cozinhar e limpar, em um contexto em que as mulheres já dedicavam mais que triplo do tempo que os homens para ao trabalho doméstico e de cuidado não remunerados (CEPAL, 2021).

A sobrecarga do trabalho doméstico durante a pandemia foi percebida por 72,9% das mulheres entrevistadas que adicionada ao aumento do trabalho de cuidados com dependentes, principalmente crianças, tem impacto diretamente nas mulheres, como indica a tabela 2:

Tabela 2 - Sobrecarga com o trabalho doméstico e cuidado durante a pandemia

Percepção	f	%
Sim, muito	16	43,2
Sim, um pouco	11	29,7
Não, manteve o	10	27,0
Total	37	100,0

Fonte: pesquisa das autoras (2020).

Com as crianças o tempo todo em casa, Selma relata que aumentou o gasto e o serviço em casa. “Eu trabalho o dobro agora para deixar organizado”. Ela já era única responsável pelo cuidado com o filho e cuida esporadicamente também de dois familiares idosos, afirma que a sobrecarga foi intensificada com a pandemia.

Em relação aos cuidados com dependentes, os cuidados com crianças (72,2%) aparecem em primeiro lugar, seguida dos adolescentes (30,6%) e outras pessoas (16,7%). Nesta questão, chama atenção a situação de mulheres que cuidam de ex-companheiros, o que reafirma o aspecto moral dos cuidados, mesmo não convivendo na mesma casa. Uma das entrevistadas relata que conflitos e violências causaram a separação, mas momento em que esses homens adoeceram, foi ela que assumiu os cuidados, juntamente com as filhas do casal.

Também é necessário destacar que, entre as mulheres que responderam não identificar sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidados durante a pandemia, estão àquelas que não possuem filhos ou os filhos não residem na mesma casa. O fato de morarem sozinhas ou apenas com o companheiro é um fato que interfere na sobrecarga

Em relação as atividades domésticas que têm exigido maior atenção das mulheres entrevistadas destacam-se o preparo de alimentos (69,4%) e brincar e distrair as crianças

(44,4%). Neste aspecto, podemos considerar que o fornecimento de lanches na escola é primordial para completar a alimentação das crianças e diminuir o tempo gasto no preparo pelas mulheres.

Sobre distrair as crianças, uma das entrevistadas, Marta, relatou a dificuldade em distrair os filhos no contexto da pandemia, uma vez que não podem sair de casa, sendo necessário, nas suas palavras: “trazer a rua para dentro de casa”, inventando brincadeiras. Também se referiu ao grande desgaste emocional que isso traz.

A limpeza da casa aparece com 67,7% como atividade que passou a gastar mais tempo. Aqui não é a mesma situação das famílias de classe média que antes da pandemia contavam com trabalhadoras domésticas ou diaristas e tiveram que assumir essas tarefas. Essas mulheres pobres e na maioria negras já faziam o trabalho doméstico, possivelmente aumentou pela presença das crianças na casa, que em situação de isolamento, em habitações precárias, aumenta a desorganização.

A lavagem de roupas também aumentou, situação relatada por 66,7% das entrevistadas. Novamente a questão da escola pode ser um fator, pois a maioria usa uniformes o que facilita para as mulheres os cuidados com as roupas. Também são crianças que não tem muitas roupas para trocar, exigindo assim um constante asseio, para que haja roupas limpas para serem usadas. Devemos considerar também que nem sempre essas famílias têm máquina de lavar roupa, o que aumenta o tempo das mulheres nessa tarefa.

No aspecto qualitativo, a tabela seguinte mostra os resultados de nossas indagações em relação a: quais atividades domésticas e de cuidados você passou a gastar mais tempo no período de pandemia e a divisão de trabalho dentro da casa:

Tabela 3 - Atividades domésticas e de cuidados que passou a gastar mais tempo

Tipo de atividade	f	%
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	3	8,1
Cuidado com as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	2	5,4
Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	2	5,4
Brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Preparo de alimentos, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras	1	2,7
Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas, precisei cuidar de outras pessoas que não moram comigo	1	2,7
Cuidado com idosos e pessoas doentes	1	2,7
Lavagem das roupas	1	2,7

Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Mercado e outras compras, cuida da neta de 5 anos durante o dia	1	2,7
Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras	1	2,7
Limpeza da casa	1	2,7
Limpeza da casa, Cuidado com as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos	1	2,7
Limpeza da casa, Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, precisei cuidar de outras pessoas que não moram comigo	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com adolescentes, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com adolescentes, Cuidado com idosos e pessoas doentes, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas, precisei cuidar de outras pessoas que não moram comigo	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com adolescentes, Preparo de alimentos	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Cuidado com idosos e pessoas doentes, Preparo de alimentos, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Preparo de alimentos	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Preparo de alimentos, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Preparo de alimentos, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Cuidado com adolescentes, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Cuidado com idosos e pessoas doentes, Preparo de alimentos, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, brincar ou distrair as crianças	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com as crianças, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras, brincar ou distrair as crianças, Auxiliar as crianças e adolescentes nas atividades escolares remotas, precisei cuidar de outras pessoas que não moram comigo	1	2,7

Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Cuidado com idosos e pessoas doentes, Preparo de alimentos, precisei cuidar de outras pessoas que não moram comigo, cuida de um idoso (Ex. marido que mora na casa atrás) dependente não anda e está com câncer de próstata	1	2,7
Limpeza da casa, Lavagem das roupas, Preparo de alimentos, Mercado e outras compras, precisei cuidar de outras pessoas que não moram comigo	1	2,7
Limpeza da casa, Preparo de alimentos	1	2,7
Não respondeu	1	2,7
Total	37	100,0

Fonte: pesquisa das autoras (2020).

A divisão sexual do trabalho, conforme afirma Kergoat (2016), é uma construção social, adaptada historicamente em cada sociedade, que se forma na divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo. Possui como características: a destinação dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado. A autora aponta ainda que essa divisão do trabalho possui dois princípios organizadores: a separação (trabalho de homens e trabalho de mulheres) e a hierarquização (trabalho de homem *vale* mais que trabalho de mulher).

A divisão sexual do trabalho implica em destinar as mulheres trabalhos voltados a reprodução social, tanto na esfera doméstica, quanto no mercado de trabalho e, ao vincular tais atividades com características naturalizadas como “femininas” (amor, bondade, cuidado, entre outras), é retirado seu valor monetário, sendo, portanto, desvalorizado, desprotegido e mal pago. Com isso, a dominação masculina se manifesta de forma econômica, social, política e cultural.

É importante destacar que, atualmente a ideia da exclusividade do trabalho masculino na esfera produtiva e feminino na esfera da reprodução não corresponde à prática social e que, o exercício de uma atividade profissional remunerada não questiona as relações de dependência uma vez que permanece atribuído às mulheres o trabalho doméstico, agora, com maior rigidez do uso do tempo nas tarefas.

Também foi relatado a tarefa de ir ao mercado e outras compras. Nessa tarefa, 75,7 das entrevistas são responsáveis pelas compras, seguida por companheiro ou marido com 16,2%, conforme identificamos na tabela 4.

Tabela 4 - Quem da família tem feito as compras de alimentos medicamentos e outros

Responsável	f	%
A respondente	28	75,7
Companheiro/marido	6	16,2
Ex-marido	1	2,7
Filhas/os	1	2,7
Pai	1	2,7

Total	37	100,0
--------------	-----------	--------------

Fonte: pesquisa das autoras (2020).

Neste aspecto, identificamos que, além das mulheres predominarem nas idas ao mercado e outras compras, precisam organizar a renda, em um contexto de desemprego e racionamento, e atender as orientações de prevenção ao contágio pelo coronavírus, como a higienização do ambiente, dos alimentos, roupas, calçados e adaptar-se ao uso de máscaras a álcool em gel.

Perguntamos se alguém divide as tarefas domésticas e de cuidado com a respondente e 37,8% responderam que não, 16,2 respondeu que são as filhas mulheres, o que corresponde a 54%. Na tabela 4 observamos que os meninos e companheiros também estão mais presentes nas atividades domésticas, contudo, cabe ainda as mulheres a responsabilidade exclusiva por esse trabalho ou de direcionar a sua execução como, por exemplo, informando a necessidade de compras e fazendo a lista de produtos e, depois, guardando os produtos no armário.

Nesse mesmo tópico também foi questionado se a pessoa que tem dividido as tarefas domésticas durante a pandemia já fazia isso antes da pandemia. As respostas apontam que pouca coisa mudou, uma vez que 54,1% responderam que sim e 45,9% responderam que não. Se considerarmos que a divisão das tarefas domésticas é majoritariamente entre mulheres (mães, filhas, netas), percebe-se que a divisão sexual do trabalho permanece responsabilizando as mulheres pelo trabalho doméstico não remunerado.

Tabela 5 - Alguém divide as tarefas domésticas e cuidados com você

Membro da família	f	%
Não	14	37,8
Sim, filhas meninas/mulheres	6	16,2
Sim, filhas meninas/mulheres, sim, filhos meninos/homens	3	8,1
Sim, filhos meninos/homens	3	8,1
Sim, meu companheiro homem	3	8,1
Sim, minha mãe ou avó	2	5,4
Ex-marido	1	2,7
Não, os filhos de 15 e 17 anos raramente	1	2,7
Sim, filhas meninas/mulheres, os netos adolescentes ajudam em casa dois meninos (12 e 15 anos)	1	2,7
Sim, filhas meninas/mulheres, sim, meu companheiro homem	1	2,7
Sim, minha mãe ou avó, sim, meu pai ou avô	1	2,7
Sobrinha	1	2,7
Total	37	100,0

Fonte: pesquisa das autoras (2020).

Das entrevistadas apenas 54,1% responderam que contam com a participação de outras pessoas da casa na realização das tarefas domésticas, mas, em sua maioria, outras mulheres, conforme a tabela abaixo:

Tabela 06 - Essa pessoa já dividia as tarefas domésticas com você antes da pandemia

Situação	f	%
Sim	20	54,1
Ninguém divide as tarefas comigo	9	24,3
Não	5	13,5
Ninguém dividia as tarefas antes da pandemia	3	8,1
Total	37	100,0

Fonte: pesquisa das autoras (2020).

Reportamos à fala de Neusa que mora com a neta de 4 anos, trabalha esporadicamente na colheita, porém, auxilia a filha a cuidar do pai (o seu ex-marido), os dois moram próximos. É a filha que busca as atividades na escola e realiza as atividades com a criança menor, por isso, não se preocupa com as atividades da escola. Já Suzana contou que os conflitos com o companheiro aumentaram muito, como são somente os dois em casa “eles se enxergam muito, o tempo todo”. No início da pandemia ele ficou em casa uns dois meses sem trabalho e o trabalho doméstico aumentou muito porque ele não “ajuda” em nada. Agora ele está trabalhando e o trabalho doméstico voltou a ser o mesmo de antes da pandemia, que ela executa sozinha.

Isaura outra entrevistada, trabalhava informalmente (vendia roupas nas casas das pessoas) antes da pandemia, mas parou de vender. Recebeu o auxílio emergencial automático por ser beneficiária do Bolsa Família. Relatou o aumento das atividades domésticas e de cuidado com as crianças e o fato de ser a única responsável na família, apesar de viver com o companheiro. A única mudança foi em relação a ida ao mercado que o companheiro passou a ir mais (devido a restrição de apenas uma pessoa da família), enquanto ela permanece em casa com as crianças. São duas crianças, uma de 3 e outra de 6 anos.

A próxima tabela mostra se houve aumento de trabalho doméstico familiar e de cuidados com a manutenção das atividades escolares remotas das crianças.

Tabela 07 - Aumento do trabalho nos cuidados com crianças nas atividades escolares

Percepção	f	%
Sim, muito	14	37,8
Sim, um pouco	12	32,4
Não.	8	21,6
Não respondeu*	3	8,1
Total	37	100,0

Fonte: pesquisa das autoras (2020).

Nota: * Não responderam por não terem crianças em casa.

Destaca-se que apenas duas das entrevistadas não possuem crianças/adolescentes em casa e uma não respondeu, é expressivo o fato de que para 70% aumentou (muito ou

pouco). As atividades exigem concentração, espaço adequado, materiais eletrônicos disponíveis, contudo, as condições econômicas e de escolaridade vivenciadas pelas mulheres entrevistadas não possibilitam um acompanhamento das atividades de forma adequada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 impactou de maneira diferente no cotidiano das mulheres, evidenciando os marcadores sociais de classe, raça/etnia, gênero. A pesquisa realizada demonstrou que as mulheres pobres, em sua maioria negras e vivendo em territórios vulneráveis tiveram que lidar com o aumento do trabalho doméstico e de cuidados, deixando de contar com a rede de serviços da educação (tempo das crianças na escola, alimentação, utilização de uniformes). A transferência das atividades escolares para casa, em ambientes despreparados em relação a local, materiais necessários, acesso à internet, aparelhos adequados (celular, computador), ou seja, condições objetivas de contribuir com as atividades (a baixa escolaridade das mulheres e a idade das crianças).

O acesso a renda devido a informalidade e o trabalho no setor de serviços, o qual foi um dos mais afetados pela pandemia são agravados pela falta de políticas públicas voltadas ao enfrentando da pandemia. O auxílio emergencial foi descontínuo, assim como ocorreu o aumento dos preços dos alimentos, energia elétrica e água no período. Somados a insegurança causada pelo Covid-19 em relação a vida e saúde, e a sobrecarga nos cuidados com os filhos, gerou sofrimento nas mulheres, conforme evidenciado nos relatos.

REFERÊNCIAS

Abramo, L. & Valensuela, M. E. (2016). Tempo de trabalho remunerado e não remunerado na América Latina: uma repartição desigual. *In: Abreu, A. R. de P., Hirata H. & Lombardi, M. R. Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. Tradução: Carol de Paula. 1. ed. São Paulo: Boitempo, p.113-124

Aguirre, R. (2014). La política de cuidados en Uruguay: ¿Un avance para la igualdad de género?. *Revista Estudios Feministas*, vol. 22, n.º 3, p. 795-813

Bruschini, C. (2009). Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 93-123

Carrasco, C. Bordarias, C. & Torns, T. (2011). *El trabajo de cuidados: história, teorías y política*, Madrid: Catarata, p.13-95

Comissão Econômica da América Latina. (2019). *La autonomía de las mujeres en escenarios económicos cambiantes*, Santiago. Retirado de: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/45032/S1900723_es.pdf?sequence=4&isAllowed=y

Daly, M. Lewis, J. (2011). El concepto de 'social care' y el análisis de los Estados de Bienestar contemporáneos. In: Carrasco, C.B Borderías, C. Torns, T. *El trabajo de cuidados: economía crítica y ecologismo social*. Spanish Edition. Los Libros de La Catarata, Madrid. p. 223-249

Gil, A. C. (2008). *Modos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo demográfico*. Retirado de: <http://www.ibge.gov.br>

Kergoat, D. (2016). O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: Abreu, A. R. P. Hirata, H. & Lombardi, M. R. *Gênero e Trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. Tradução: Carol de Paula. 1ª ed. São Paulo: Boitempo. p. 17-26

Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, H. Laborie, F. Doaré, H. & Senotier, D. (Orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. Unesp. p. 67-76

Minayo, M. C. S. (1993). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 13. Ed. São Paulo: Hucitec

Orozco, A. P. (2021). El conflicto capital-vida: aportes desde los feminismos. *Trabalho necessário*. V.19, nº 38. doi: <https://doi.org/10.22409/tn.v19i38.45907>

Salata, A. R. Ribeiro, M. G. (2020). *Boletim Desigualdade nas Metrôpoles*. Porto Alegre/RS, n. 01. Retirado de: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/>